

Emigração portuguesa na Alemanha

Uma integração a duas velocidades

Pedro Candeias

Resumo Este capítulo procura analisar a integração laboral da emigração portuguesa com destino à Alemanha. Mais concretamente, pretende analisar algumas consequências de diferentes modos de integração no mercado de trabalho alemão. Com base numa metodologia mista (entrevistas e inquérito por questionário online) é defendida a existência de dois perfis-tipo de integração laboral: i) emigrantes que chegam com emprego à Alemanha (frequentemente graduados de ciências da tecnologia e engenharias modernas) que contrastam com: ii) conacionais que procuram a inserção laboral após a chegada a este país de destino. Estas duas trajetórias de integração laboral têm implicações em esferas como o acesso à habitação, a aprendizagem da língua do país de destino, e a composição das redes de sociabilidade.

Palavras-chave: mercado de trabalho, trajetórias de integração, integração residencial, integração linguísticas, redes de sociabilidade.

Abstract This chapter seeks to analyse the labour market integration of Portuguese emigrants to Germany. More specifically, it aims to analyze some of the consequences associated with different modes of integration into the German labour market. Drawing on a mixed-methods approach (interviews and an online survey), the chapter argues for the existence of two ideal-type profiles of labour market integration: (i) emigrants who arrive in Germany with employment secured (often graduates in technological and modern engineering fields), in contrast to (ii) co-nationals who seek labour market insertion only after arriving in the destination country. These two trajectories of labour market integration have implications across several domains, including access to housing, the acquisition of the host-country language, and the composition of social networks.

Keywords: labour market, integration trajectories, residential integration, linguistic integration, social networks.

Introdução e objetivos

Grande parte das migrações internacionais são de natureza laboral (ILO, 2021). A emigração portuguesa não é exceção. Deste modo, torna-se relevante conhecer como se dá a integração da emigração portuguesa nos mercados de trabalho dos países de destino.

A Alemanha é um destino da emigração portuguesa de especial interesse e relevância por dois motivos. Em primeiro lugar, pela relevância quantitativa: no ano de 2020 a Alemanha foi o 5.^o principal destino da emigração portuguesa em termos de fluxo (Vidigal & Veiga, 2022). O segundo motivo é o da escassez de trabalhos sobre este país. Numa análise bibliométrica sobre a emigração portuguesa com mais de 800 trabalhos académicos (livros, artigos, etc.), apenas 27 contemplaram como país de destino a Alemanha (Candeias, Ferreira, & Peixoto, 2014). Grande parte destes trabalhos era de pequeno porte e conduzida por membros da academia alemã.¹ Esta foi a relevância que justificou a tese de doutoramento que deu origem a este texto (Candeias, 2021).

O fio condutor deste capítulo será a integração no mercado de trabalho alemão e as suas consequências. O argumento central assenta na ideia de que a chegada com emprego assegurado, protagonizado especialmente por graduados das ciências da engenharia e tecnologia, permite uma integração mais célere na sociedade alemã em algumas dimensões. Situação que contrasta com a procura de emprego após a chegada ao destino, estratégia que tem como consequência uma integração mais morosa. Com este fito, as próximas secções do texto obedecerão à seguinte lógica: a primeira secção revê alguma literatura sobre o tema. A segunda descreve a metodologia adotada e as amostras auscultadas. A terceira parte do texto, a mais extensa, apresenta e discute os resultados, desde a caracterização da emigração portuguesa para a Alemanha, à análise de alguns indicadores de integração no mercado de trabalho, para detalhar o modo como a esta tem implicações em outras esferas da integração, como a residência, o domínio da língua alemã e a composição das redes de sociabilidade. Termina-se com uma breve conclusão.

Enquadramento teórico

Frequentemente, pensar na integração laboral de imigrantes numa perspectiva de trajetórias ou numa lógica longitudinal encontra-se em ligação com o tema da mobilidade social. Um dos primeiros trabalhos com esta

1 O que não invalida que posteriormente tenham sido iniciados projetos de investigação e teses de doutoramento sobre a emigração portuguesa na Alemanha.

abordagem, Chiswick (1978), utilizou o censo americano de 1970 para comparar os rendimentos da população nativa com a nascida no estrangeiro. Chegou à conclusão de que embora num período inicial os imigrantes auferissem salários inferiores, com o tempo, esses rendimentos aumentavam e, num período de 10 a 15 anos, excediam até os rendimentos da população autóctone com características semelhantes. Esse período inicial foi considerado o “custo da imigração” e o trajeto completo assemelhava-se a uma curva em forma de U. O fator mais importante para explicar os rendimentos dos estrangeiros foi o número de anos no país de destino. Muitos estudos deram continuidade à corrente iniciada por Chiswick, como Borjas (1982) que comparou rendimentos de diversos grupos imigrantes, Stier e Tienda (1992) que compararam a entrada no mercado de trabalho, e Raijman e Semyonov (1998) que compararam a mobilidade socioprofissional entre dois períodos no tempo. O que estes estudos têm em comum é a ideia de que com o tempo existem alterações (positivas) nos indicadores de integração no mercado de trabalho de imigrantes. Por sua vez, existe uma lista considerável de indicadores da integração no mercado de trabalho operacionalizáveis nesta abordagem quantitativa: taxa de emprego ou de desemprego, o nível ocupacional (em relação ao seu nível de escolaridade) ou o nível de rendimento (especialmente dentro de cada nível ocupacional) (Dahlstedt, 2010).

Os estudos assentes em metodologias qualitativas sobre o tema das trajetórias de integração parecem não seguir um padrão tão linear quanto os anteriormente citados. O estudo de Bauder (2005) comparou dois tipos de imigrantes com base no seu estatuto: imigrantes altamente qualificados e imigrantes que chegam em reagrupamento familiar ou por motivos humanitários. Concluiu que o primeiro grupo possui competências culturais que lhe confere uma mais-valia no mercado de trabalho, uma vez que conhece algumas das “regras” do mercado de trabalho (formação adequada, saber escrever um *curriculum vitae*, conhecimento de *job-finding clubs*); enquanto o segundo grupo tem que recorrer a redes coétnicas para conseguir trabalho (Bauder, 2005). Com um foco na identificação de fatores relevantes, Udah e colegas (2019) focaram-se nas barreiras sentidas no acesso a um emprego *meaningful* (que implica a aplicação de *skills* e qualificações, estável no tempo, obtido de forma competitiva e pago acima do salário mínimo). Foram identificados como fatores relevantes: a duração da estadia no país de destino, o nível de educação, o domínio da língua do país de acolhimento, a inexistência de sotaque, o reconhecimento de diplomas, a experiência laboral no país de destino, e as redes de contacto (Udah et al., 2019). Com uma abordagem mais focada nas alterações ao longo do tempo, o estudo de Akkaymak (2016) focou os desafios sentidos e as estratégias desenvolvidas para os ultrapassar. As principais conclusões foram que imigrantes com escolaridade mais baixa tendiam a conseguir emprego mais rapidamente, uma vez que procuram empregos menos qualificados, com menor burocracia, sendo também

imigrantes que recorriam a redes de ajuda pré-existentes, que permitem uma entrada no mercado trabalho mais célere. Já imigrantes com qualificações escolares mais elevadas, tendiam a ter maiores dificuldades na entrada no mercado de trabalho, devido ao não reconhecimento de diplomas e falta de experiência de trabalho no país de destino. O que implicava, muitas vezes, a entrada no mercado de trabalho pela via de *survival jobs*. Com o tempo, desenvolveriam algum capital social, que lhes permitia aceder ao mercado de trabalho qualificado “escondido” (Akkaymak, 2016). Ainda sobre o capital social, Gericke e colegas (2017) mostram que o capital social *bounding* pode ser útil para imigrantes pouco qualificado, e o capital *bridging* especialmente útil para imigrantes qualificados.² Por fim, refere-se um estudo de Liversage (2009) de imigrantes qualificados da europa de leste na Dinamarca que criou uma tipologia de cinco tipos de trajetórias: 1) *Path of re-entry* — imigrantes que permanecem na mesma profissão que já tinham, 2) *Path of ascent* — situações em que existe um processo de desqualificação temporário, 3) *Path of re-education* — quando existem formações de nível superior no país de destino, 4) *Path of re-migration return or onward migration* — quando existe uma migração de regresso ou uma nova migração para um terceiro país, 5) *Path of marginalisation* — para as situações de imigrantes que ficam em situações de desemprego ou trabalho pouco qualificado.

Um terceiro grupo de trabalhos importa ser referido, não pelo pendor qualitativo ou quantitativo, mas por apresentar características do contexto de integração laboral de imigrantes. Segundo a teoria do mercado dual de trabalho (Piore, 1979), o mercado de trabalho dos países industrializados encontra-se segmentado em dois grupos: primário e secundário. Os imigrantes são geralmente integrados no segundo grupo, que se caracteriza por baixos salários, elevado risco de desemprego, fraca capacidade de sindicalização, reduzidas possibilidades de progressão na carreira, e despromovidos de *status* associado à profissão que desempenham. Os imigrantes partilham esta posição com outros grupos desfavorecidos como o campesinato (*peasant-workers*), empregadas domésticas (*housewife-workers*) e jovens. Por sua vez, o mercado primário caracteriza-se pela sua formalidade, estabilidade, remuneração adequada, possibilidade de progressão. É de ressaltar que os imigrantes também podem integrar o segmento primário do mercado de trabalho, quer como diretores e quadros de empresas, como profissionais intelectuais e científicos, artistas, etc.

Uma outra dualidade é a analisada no estudo de Sassen (1991) sobre três cidades globais (Londres, Nova Iorque e Tóquio). São consideradas pontos

2 Segundo Putnam (2000, p.20) o *bridging* é capital social inclusivo (ao contrário do *bounding* que é exclusivo). Se o primeiro permite “getting by,” é o segundo que leva a um “getting ahead”. Enquanto o segundo é *broader* o primeiro é *narrower*. Outra metáfora de Putman associa o *bounding* a uma *super cola* enquanto o *bridging* seria o WD-40, sendo que ambos têm efeitos positivos.

nodais de empresas de serviços e finanças (p.5), o que levou a que protagonizassem uma polarização na estrutura ocupacional, tornando-se assim cidades duais. Esta polarização resulta de uma elevada procura de profissionais altamente qualificados com elevados rendimentos associados, e, por outro lado, de trabalhadores pouco qualificados com baixos rendimentos (p.13). A população imigrante insere-se em ambos os polos destas cidades duais, tanto como imigrantes altamente qualificados, “cérebros”, bem como no *staff* de restaurantes, nos serviços de limpezas, tanto industriais como particulares, e ainda nos serviços domésticos.

Em síntese, os estudos qualitativos podem seguir abordagens semelhantes às dos quantitativos como comparar grupos (Bauder, 2005), procurar preditores ou fatores associados (Udah et al., 2019), mas também focar-se mais nas alterações ao longo do tempo (Akkaymak, 2016) e criar tipologias (Liversage, 2009). Os trabalhos que focam as características do contexto (Piore, 1979; Sassen, 1991) têm em comum propor que um mesmo contexto de integração de imigrantes pode ser suficientemente diverso, de modo a poder acolher imigrantes em diferentes setores de atividade (com diferentes estatutos associado), em que o nível de qualificação académico não é um fator crucial. Contudo, não foi encontrado nenhum estudo que seguisse uma abordagem mista, o que pode permitir validar quantitativamente os resultados obtidos através do método qualitativo (Creswell, 2014).

É ainda de referir que uma característica transversal a grande parte dos estudos acima citados (a exceção são os que caracterizam o contexto) é que tendem a focar-se na integração no mercado de trabalho através de diferentes indicadores e na identificação de preditores, não focando nas consequências dessa integração no mercado de trabalho. É a questão a que se pretende dar resposta com este capítulo.

Metodologia e descrição da amostra

Para dar resposta aos objetivos propostos neste capítulo, foram mobilizados três tipos de fontes empíricas: 1) Estatísticas oficiais alemãs que foram recolhidas e analisadas de forma a obter-se um retrato longitudinal da emigração portuguesa neste país. Uma análise detalhada destes dados encontra-se disponível em outra publicação (Candeias, 2017), e para este capítulo são reservados apenas alguns dados de caracterização considerados essenciais. 2) Dados de um inquérito por questionário aplicado no âmbito do projeto REMIGR³ dirigido a maiores de 18 anos com nacionalidade ou naturalidade

3 Uma análise detalhada dos resultados deste projeto pode ser encontrada em Peixoto e colegas (2016), para uma versão mais sintetizada, ver Peixoto e colegas (2021).

portuguesa, residentes em qualquer país estrangeiro, que tivessem saído de Portugal após o ano 2000. O processo de inquirição decorreu entre 6 de maio de 2014 e 25 de maio de 2015 e foram recolhidos 6.086 inquéritos válidos. Para este capítulo foram isoladas as 369 respostas provenientes da Alemanha. 3) Entrevistas a emigrantes com origem em Portugal e a residir em Berlim e em Hamburgo. O trabalho de campo decorreu em 2017 para a primeira cidade e um ano depois para a segunda. Berlim foi selecionada por ser capital do país e um destino conhecido de artistas e de profissionais com elevados níveis de qualificação. Hamburgo foi selecionada por se tratar de uma cidade portuária com um historial mais longo de emigração portuguesa, com elevado peso da indústria para a economia.

Com os dados do inquérito por questionário foram analisadas variáveis sociodemográficas (género, estado civil, escolaridade, área de formação, profissão). Na trajetória migratória foi analisada a duração da procura de emprego e o ano de chegada/duração da estadia. Os indicadores de integração foram a dificuldade em conseguir casa e as dificuldades com a língua alemã, retiradas de uma bateria de indicadores de dificuldades, em que se perguntava “No país de destino, qual o grau de dificuldade que sentiu/sente face aos seguintes aspetos?” e as opções de resposta variavam entre o 1 (nada difícil) e o 5 (muito difícil).

As entrevistas seguiram um guião que contava com quatro tópicos: i) Caracterização sociodemográfica, ii) Reconstituição da trajetória migratória, iii) Processo de integração, iv) Relações mantidas com Portugal. As entrevistas foram conduzidas em espaços públicos, maioritariamente cafés, mas também jardins e universidades. Foram gravadas com o consentimento dos participantes. Em média, as entrevistas tiveram 45 minutos de duração cada. Foram transcritas e analisadas com o *software* de análise de conteúdo MAXQda.

A amostra de participantes que respondeu ao inquérito online era consideravelmente equilibrada em termos de *sex-ratio*, tendo sido apurado um valor de 1,05 homens para cada mulher. A idade dos inquiridos encontrava-se concentrada entre os 25 e os 39 anos, especialmente entre os 30 e os 34 anos. A média das idades apurada para as mulheres foi de 32 anos e para os homens de 33 anos. O estado civil aponta para uma maioria solteira (57%), os restantes 40% eram casados ou partilhavam uma união de fato, e uma pequena parcela de 4% era divorciada ou separada. A análise às qualificações escolares mostra um elevado peso dos mais qualificados, uma vez que 40% era licenciado ou bacharel, e que 79% possuía algum nível de escolaridade de nível superior. Estes dados não espelham o perfil da emigração portuguesa na Alemanha e são condicionados pela idade mais jovem da amostra e resultado do processo de inquirição online, cuja adesão é mais frequente, entre outros fatores, por parte de pessoas mais qualificadas (Mohorko, Leeuw, & Hox, 2013). A área de formação académica dos graduados aponta para um elevado peso das formações nas áreas das ciências da engenharia e da tecnologia (31%), um dos sectores em que existe uma elevada procura de mão de obra na Alemanha (Luft,

Quadro 2.1 Caraterização dos entrevistados

	Nome fictício	Idade	Qualificações	Profissão	Ano de chegada
Berlim	Renato	34	Licenciatura e Mestrado (incompleto) em Engenharia Eletrónica e de Telecomunicações	Engenheiro de software	2012
	Raquel	34	Licenciatura em Direito; Mestrado em Estudos da Criança	Bolseira de doutoramento	2009
	Mário	32	Licenciatura e Mestrado (incompleto) em Comunicação e Multimédia	Front end developer	2013
	Guiomar	28	Licenciatura em Design de Moda	Desempregada (anteriormente empregada de mesa)	2013
	Domingos	38	Licenciatura em História	Empregado de balcão	2011
	Santiago	50	Doutoramento em Música	Professor de música	2008
	Maria	36	Doutoramento em Biologia	Pós doc em Biologia	2013
	Mara	34	Licenciatura em Psicologia; Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento; Berufsschule (Ensino dual profissional)	Educadora de infância	2008
	Lara	31	Licenciatura e Mestrado em Engenharia do Ambiente; Mestrado em Geomática	Técnica em empresa de mapas	2010
	Lúisa	38	Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas	Organizadora de eventos	2002
	Gilberto	36	Licenciatura em Engenharia Informática	Engenheiro Informático	2008
Hamburgo	Zulmira	50	10.º ano português (incompleto); Realschulabschluss	Enfermeira	2001
	Sandro	45	7.º ano EB	Motorista	1994
	Paulo	36	Licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas	Educador	2012
	Joaquim	43	8.º ano	Jardineiro	2015
	Isa	55	7.º ano (alemão)	Empregada de caixa em supermercado	1974
	César	29	Licenciatura em Biologia; Mestrado em Ecologia e Gestão Ambiental	Desempregado (anteriormente consultor ambiental)	2017
	Bento	37	Licenciatura em Engenharia e Gestão Industrial	Buisness development	2010
	Anabela	38	Licenciatura em Engenharia Civil	Engenheira civil	2007
	Amílcar	50	10.º ano (alemão)	Comercial técnico de produtos alimentares	1974
Duarte	23	Licenciatura em História	Estudante (anteriormente ajudante em empresa de mudanças)	2017	

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas entrevistas.

2012). Em segundo e terceiro lugar destacam-se as ciências sociais (27%) e humanidades (21%) que, juntas, somavam quase metade dos inquiridos com graduação superior. Na caracterização dos graduados na Alemanha, é ainda possível segmentar por sexo as áreas de formação académica, o que permite reconhecer uma notória discrepância de género, uma vez que quase metade (48%) dos homens graduados provinha das ciências da engenharia e da tecnologia e que 60% das mulheres com grau académico encontravam-se associadas às ciências sociais e humanas. Os dados referentes ao ano de chegada abrangeram especialmente o período pós-crise das dívidas soberanas, concentrando-se especialmente entre o ano 2012 e 2013.

Para a análise qualitativa, foram conduzidas 21 entrevistas a emigrantes portugueses. Em Berlim foram feitas 11 entrevistas (6 mulheres, 5 homens), a média das idades rondou os 35 anos, o ano médio de chegada foi 2010, todas as pessoas tinham um grau de ensino superior. Em Hamburgo foram feitas 10 entrevistas (7 homens, 3 mulheres) as idades rondaram os 41 anos, o ano de médio de chegada foi 2002, no que respeita as qualificações escolares, a amostra estava equitativamente dividida entre pessoas com e sem ensino superior. O quadro 2.1 apresenta as principais características dos entrevistados. De forma a manter o anonimato dos entrevistados todos os nomes foram substituídos por nomes fictícios.

Resultados

A emigração portuguesa com destino à Alemanha

A Alemanha era, à altura do trabalho de campo, o 11.º país da UE 28 com maior proporção de população estrangeira: 9,3%⁴. Era também o segundo país deste grupo com maior número absoluto de imigrantes: 324.221⁵. Desde a segunda metade do séc. XX, a Alemanha experienciou três grandes vagas de imigração: os imigrantes laborais recrutados no âmbito do programa formal de trabalhadores convidados (*gastarbeiter*), os imigrantes do leste europeu de etnia germânica (*aussiedler*) e os requerentes de asilo (Musterd, 2003). O primeiro contingente, e o mais importante para este artigo, diz respeito aos imigrantes laborais recrutados ao abrigo do estatuto de trabalhador convidado, que vigorou entre 1955 e 1973, em que Portugal foi um dos seis principais fornecedores de mão-de-obra (Bhagwati, Schatz, & Wong, 1984). Estes recrutamentos assentavam no pressuposto de

4 <http://www.pordata.pt/Europa/Popula%3%a7%3%a3o+estrangeira+em+percentagem+da+popula%3%a7%3%a3o+residente-1624> (acedido em 26-12-2016).

5 <http://www.pordata.pt/Europa/Fluxos+migrat%3%b3rios+internacionais-1622> (acedido em 26-12-2016) (dados de 2014) (dados não disponíveis para os seguintes países: Áustria, Eslovénia, Grécia, Irlanda, Reino Unido e Roménia).

que os imigrantes iriam permanecer neste país durante um curto período temporal, para suprimir necessidades de mão-de-obra igualmente temporárias. A partir dos anos 1970, os reagrupamentos familiares tornaram-se mais frequentes e a migração foi sendo encarada como definitiva (Castles, 1995). Os portugueses fizeram parte das nacionalidades estrangeiras recrutadas no âmbito do sistema de trabalhadores convidados. O fluxo de trabalhadores portugueses para a Alemanha manteve-se desde então, embora com oscilações ao longo do tempo.

Na figura 2.1 são projetados os valores do *stock* da população de nacionalidade portuguesa na Alemanha de 1967 a 2022. Entre os anos de 1967 e 1974 a população de nacionalidade portuguesa inscrita nos registos centrais alemães cresceu de 23.996 para 121.533. Possivelmente, o fim do regime não democrático em Portugal e a crise dos choques petrolíferos que se fazia sentir nesta época deve ter implicado um regresso considerável de emigrantes. Desse modo, o quantitativo de portugueses na Alemanha foi gradualmente decrescendo até 1988, ano em que este destino atingiu o número mais baixo para os quais existem registos: 71.068. A partir dessa data, o *stock* de portugueses cresceu, para no ano de 1996 ultrapassar o recorde registado em 1974. Entre 1996 e 2003 o *stock* de portugueses manteve-se acima dos 130 mil. Posteriormente, no período compreendido entre 2004 e 2011, o número de portugueses na Alemanha decrescia, para rondar os 115 mil. A fronteira dos 115 mil viria a ser ultrapassada no ano de 2012, mantendo um ritmo tendencialmente crescente até ao último ano para o qual existem dados disponíveis. Em síntese, o número de portugueses na Alemanha tem sofrido alterações ao longo do tempo e podem ser identificados três picos: nos anos 1970 (época dos *gastarbeiter*), anos 1990 (época da reunificação da Alemanha e implementação da diretiva referente aos trabalhadores destacados⁶) e anos 2010 (época da crise e pós-crise).

A apresentação dos dados primários é composta por três secções. Em primeiro lugar, apresenta-se a análise do inquérito por questionário focada na segmentação entre quem chegou com emprego assegurado à Alemanha e quem o procurou após a chegada. A segunda parte demonstra a importância desse fator com base nas entrevistas, apontando consequências das duas estratégias de empregabilidade. A terceira parte regressa aos dados quantitativos para analisar a integração em três dimensões (residencial, linguística e em redes de sociabilidade) tendo em conta as estratégias de empregabilidade apresentadas anteriormente (chegada à

6 Embora existam alguns relatórios da UE referentes aos Posted Workers, não existem séries temporais que permitam validar que o aumento do stock nos anos 1990 se deve a esta diretiva. O estudo qualitativo de Cavalheiro (2000) dedica-se ao destacamento de trabalhadores da construção civil e das obras públicas nos anos 1990, que deslocava para a Alemanha tanto trabalhadores portugueses como oriundos das ex-colónias. Devido à sua natureza qualitativa, também não permite corroborar o argumento.

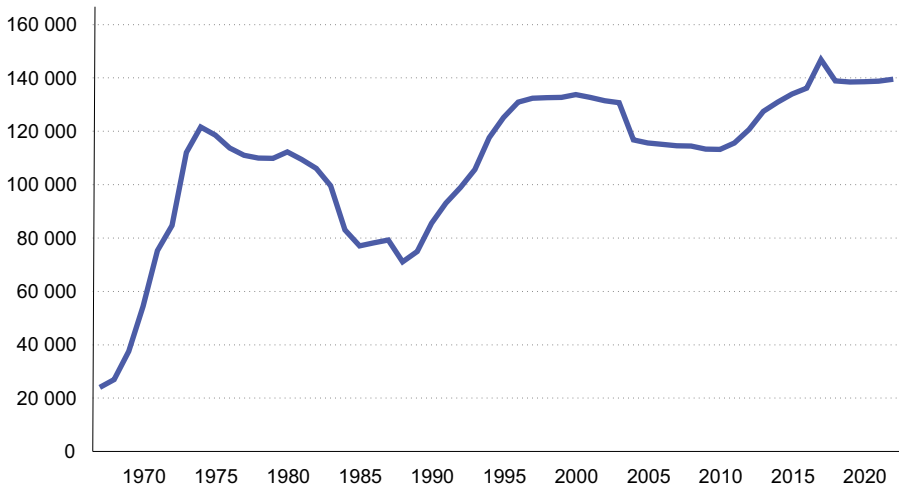


Figura 2.1 Stock da população de nacionalidade portuguesa na Alemanha, 1967-2022 (N)

Fonte: DESTATIS via OEm.

Alemanha com emprego ou inserção no mercado de trabalho após emigração).

Integração no mercado de trabalho

A duração da procura de emprego é um indicador importante, uma vez que permite dividir a amostra entre aqueles que chegam com emprego e aqueles que se vêm na procura por um emprego após a chegada (figura 2.2). Os dados mostram que a maioria (64%) chegou à Alemanha com um emprego assegurado. Os restantes que procuraram emprego após chegarem a Alemanha demoraram, mais frequentemente, 1 a 3 meses (14%), as restantes opções de resposta (menos de 1 mês, 4 a 12 meses e mais de um ano) em conjunto, corresponderam a cerca de 20%.

De modo a perceber em que categorias sociais esta chegada com emprego assegurado à Alemanha foi mais frequente, o indicador foi cruzado com alguns fatores que se esperavam relevantes (figura 2.3). Esta chegada com emprego assegurado é mais frequente nos homens, nos graduados das ciências da engenharia e tecnologias, em profissionais dos grupos 1 ou 2, e em graduados do ensino superior. Uma série de regressões logísticas simples com cada um dos fatores acima mencionados aponta significância estatística a dois preditores: sexo (masculino) e área científica de formação (em ciências da engenharia e tecnologia).

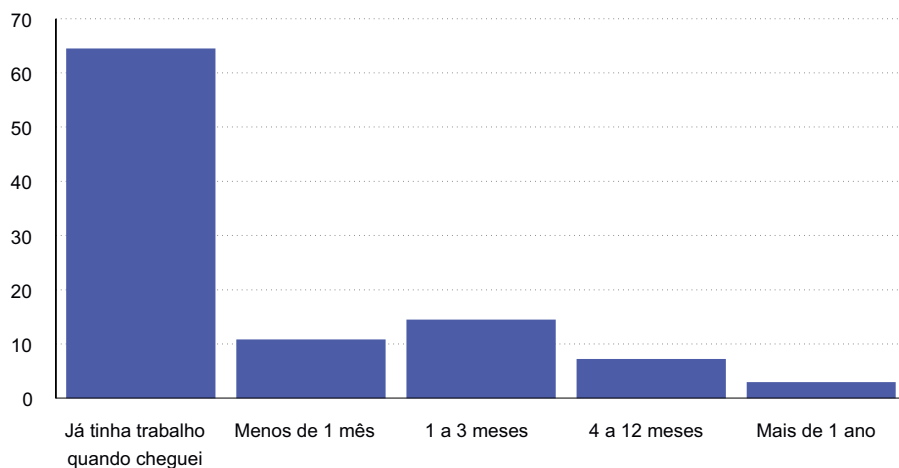


Figura 2.2 Duração da procura de emprego (%)

Fonte: REMIGR (2015).

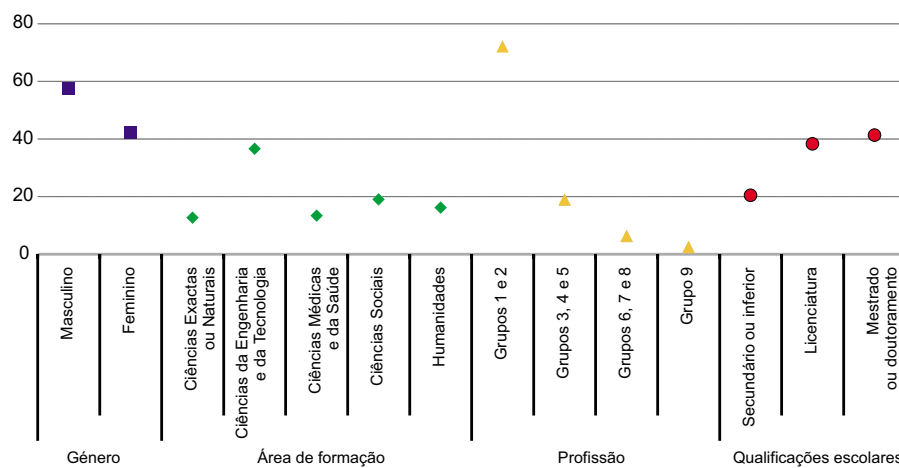


Figura 2.3 Fatores diferenciadores da chegada com emprego assegurado à Alemanha (%)

Fonte: REMIGR (2015).

Impactos da integração no mercado de trabalho

Nesta secção irá ser demonstrado, com base nos dados qualitativos, de que modo a chegada à Alemanha com emprego assegurado tem implicações em outras dimensões da integração. Serão detalhados quatro casos de emigrantes: os dois primeiros que chegaram com emprego, os dois seguintes procuraram emprego após a chegada.

Quadro 2.2 Gilberto e a emigração por acaso

Gilberto, 36 anos, Licenciado, Engenheiro Informático, em Berlim desde 2008
<p>A inserção laboral de Gilberto deu-se de forma imediata, no sentido em que quando chegou a Berlim já se encontrava empregado.</p> <p><i>(E porque é que vieste para Berlim?) Foi um bocado por acaso, eu estava a mandar currículos, não estava com pressa. Tinha o projeto, decidi mudar, mas no emprego estava tudo estável, comecei a mandar currículos, uma das empresas a que mandei na altura era a [empresa de telecomunicações]. (...) E acabei por encontrar um emprego aqui, vim cá para a entrevista, daquelas que são cinco [entrevistados] num só dia e aceitaram-me.</i></p>
<p>Uma das consequências desta inserção imediata no mercado de trabalho é o acesso à habitação pela via formal</p> <p><i>“Foi muito fácil, naquela época talvez não fosse o mais barato que poderia arranjar, mas eu queria conseguir algo rápido, cheguei numa quinta e na segunda estava assinando o contrato... Sim, acho que vim aqui numa situação quase privilegiada, tive a sorte de ter um emprego estável, encontrei um apartamento rapidamente...”</i></p>

Quadro 2.3 A sorte de Mário

<p>Mário, 32 anos, <i>Front end developer</i>, em Berlim desde 2013</p>
<p>A integração laboral de Mário deu-se de forma muito semelhante. Insatisfeito com as condições laborais em Portugal, enviou algumas candidaturas e ficou colocado numa empresa multinacional de comércio eletrónico com filial em Berlim. O acesso à habitação foi através do mercado formal, e tal só foi possível devido à disponibilidade financeira, resultado da sua inserção imediata no mercado de trabalho.</p> <p><i>Estava com muito receio, eu vim aqui à entrevista, estava em casa de um colega meu português, que estudou comigo em Aveiro, e fizemos lá um jantar com vários amigos, e conheci um que estava cá já há seis meses, que andava a trocar de quarto em quarto, não arranjava casa, conheci mais gente, tudo na mesma situação, muito muito difícil arranjar casa, eu tive uma sorte tremenda, eu vim a 24 de julho e dia 29 tinha o contrato de casa assinado aqui, eu trabalho bastante longe de Berlim ainda, porque eles têm o campus no estado ao lado, onde os impostos para eles são mais baratos. E este comboio aqui é direto para lá, e quando vim ver esta casa, foi a segunda casa que vim ver, vi a estação e vi que era a mesma que tinha apanhado para ir à entrevista, então fiquei à espera do senhorio, eles aqui mostram as casas para 30 pessoas ao mesmo tempo, é complicado teres algum tipo de contacto com a pessoa que te está a mostrar a casa, eu apanhei-o aqui a fumar um cigarro, fui ter com ele, fumei um cigarro com ele, contei-lhe a situação, ele levou-me lá acima, mostrou-me a casa e já me tinham ensinado algumas técnicas, então o que eu fiz foi ofereci-lhe um bocadinho mais de dinheiro em troca de uma renovação na casa. "Dou-te mais 100 euros por mês, mas dá-me uma cozinha nova e uma casa de banho nova." E ele disse que sim (...) Para mim foi um alívio, tinha disponibilidade financeira para poder pagar mais esses 100 euros por mês, portanto tive sorte.</i></p>
<p>Uma consequência deste acesso imediato ao mercado de trabalho é o acesso a uma rede de sociabilidade normalmente construída em torno de colegas de trabalho. Quando em contextos de trabalho internacionais, as redes de sociabilidade tendem a ser igualmente internacionais.</p> <p><i>No trabalho sim, muito boa gente, fiz lá, além de colegas, amigos logo, e sim com eles fazer coisas de amigos, já conhecia bastantes portugueses que cá estavam. (O tal colega da escola?) Exatamente, saía com eles umas vezes, mas normalmente saídas era com a malta do trabalho. (Esses colegas do trabalho, são mais portugueses, mais alemães, mais internacionais?) Não há nenhum português. Aliás, o grupo com quem eu, logo de início, me comecei a dar muito bem, era um turco, um mexicano, um chinês, principalmente esses três, nenhum era alemão curiosamente.</i></p>
<p>A conjugação entre estes contextos de trabalho internacionais em que são criadas redes de sociabilidade internacionais e em que que a língua franca tende a ser o inglês, levam à consequência negativa de um menor domínio da língua alemã.</p> <p><i>A língua é péssima, é muito, muito difícil, ofereceram-me aulas lá na empresa, uma vez por semana, uma hora e meia, não chega (...) fui para as aulas a pensar no trabalho, cheguei a um ponto, não faz muito tempo, desisti, fiquei um ano sem ir às aulas, disse: "Não vale a pena pagar aulas a que eu não vou".</i></p>

Os dois casos acima descritos mostram as inserções imediatas no mercado de trabalho alemão e algumas das suas consequências. Esta tendência é bastante frequente nos casos de emigrantes com elevados níveis de qualificação, especialmente com formação nas áreas das engenharias modernas (Godinho, 2008/09). Estes casos correspondem à trajetória tipo do *path of re-entry* (Liversage, 2009), uma vez que se mantiveram na mesma profissão que desempenhavam antes de emigrar. Contudo, não é um tipo de inserção exclusiva desta categoria profissional, uma vez que é possível encontrar entradas imediatas no mercado de trabalho em emigrantes com menores níveis de qualificação. Um exemplo de inserção imediata em emigrantes menos qualificados é o caso de Sandro, que, ao chegar a Hamburgo, tinha emprego assegurado pela sua mãe, que o colocou na mesma empresa de limpezas industriais onde ela trabalhava. A diferença que é traçada de acordo com o nível de qualificação é que emigrantes menos qualificados, quando chegam à Alemanha com emprego, conseguem-no à custa de uma rede de amizade e familiares portuguesas. Por seu lado, detentores de grau académico superior são recrutados por métodos formais.

A primeira consequência desta inserção profissional imediata é o acesso a habitação pela via formal, com recurso a arrendamento. Esta modalidade de inserção residencial é dotada de duas características: em primeiro lugar, é acompanhada por rendimentos estáveis e elevados, que permitem suportar financeiramente os custos de uma habitação, o que, por sua vez, dispensa o recurso a redes de ajuda centradas em familiares e amigos.

A segunda consequência da inserção profissional imediata é a penetração em redes de sociabilidade criadas em contexto de trabalho. Estes são contextos favoráveis à sociabilidade, uma vez que, frequentemente, são compostos por imigrantes em situação semelhante, e frequentemente a dominar uma língua comum — o inglês. Segundo o princípio da homofilia (McPherson, Smith-Lovin, & Cook, 2001) existe maior contacto com pessoas semelhantes do que entre pessoas dissemelhantes. Ou seja, a inserção imediata em contextos de trabalho internacionais facilita o acesso a uma rede de sociabilidade de pessoas que têm em comum a origem imigrante e o setor de atividade laboral. Estas redes de sociabilidade e o contexto de integração laboral internacional têm, como consequência negativa, não incentivarem a comunicação em língua alemã.

De seguida serão apresentados dois casos de integrações laborais não imediatas, o que permitirá perceber as diferenças nas consequências deste tipo de inserção.

Quadro 2.4 O desemprego intermitente de Anabela

Anabela, 38 anos, Engenheira Civil, em Hamburgo desde 2007

Em Portugal, Anabela fazia direções de obras. As insatisfações com o trabalho, em conjugação com a existência de redes de contactos do seu esposo em Hamburgo, impulsionaram a emigração. Após um primeiro ano desempregada, trabalhou um ano e meio num projeto de investigação numa empresa alemã. Após novo período de desemprego conseguiu um trabalho de um mês numa empresa de plataformas eólicas no mar. Após um terceiro período de desemprego conseguiu o emprego como gestora de planeamento de obras.

Tendo em conta a instabilidade da sua situação laboral, o seu acesso à habitação deu-se por via de redes de amizade conacionais. *"Fomos acampar para casa de uma colega do Rui (esposo) que tinha um T0, ali no corredor, na sala. Um mês."*

No que diz respeito ao domínio da língua e às redes de sociabilidade, os dois fatores encontram-se bastante interligados. No sentido em que o domínio da língua é adquirido através de cursos de alemão para estrangeiros e que estes contextos são palco para a criação de redes de sociabilidade.

Portanto eu vim para cá, um ano a aprender alemão. Foi muito bom porque eu estava desempregada. Eu fui fazer o que eles chamam o curso de integração. Cinco horas por dia. Eu não tinha trabalho, não tinha dinheiro, mas tinha tempo, foi muito bom. (...) Eu tive que pagar, 250 euros por mês, durante 7 meses, fiz o certificado da língua, que é o mínimo para ter a nacionalidade, que é o B1. E depois fui aprendendo, fui trabalhar, e depois houve uns meses que tirava 3 horas, 3 dias por semana para aprender a língua, portanto 9 horas por semana, também a pagar do meu bolso, eu devia ter gasto uns 3.000 euros só em línguas.

No meu caso, para mim também foi muito fácil porque eu fui, eu comecei no curso de alemão, no verão e no verão vem muito pessoal jovem de todo o mundo, querem fazer aquelas férias de verão a aprender uma língua, depois chega a setembro, outubro vão se todos embora e quem fica nessas aulas são imigrantes. (...) Portanto eu fiz amigos, tudo era pretexto para fazer festas, como bom português e as nossas festas eram no tal apartamento de 37m² com tudo lá dentro e toda a gente de todo o mundo e foi espetacular ainda hoje, pessoal da Alemanha, alemães, "pá aquelas festas eram espetaculares."

Quadro 2.5 O recurso às redes tradicionais de Mara

Anabela, 38 anos, Engenheira Civil, em Hamburgo desde 2007

Mara, 34 anos, educadora de infância, em Berlim desde 2008 Licenciada e Mestre em Psicologia, não conseguiu emprego qualificado em Portugal. Teve experiência de estágio profissional em Berlim. A existência de familiares na mesma cidade pesou na decisão de emigrar para esta cidade. A sua inserção laboral deu-se por via informal, desempenhando tarefas num hotel onde uma prima também trabalhava, onde se manteve durante um ano. Uma vez que tinha o interesse de trabalhar com crianças foi trabalhar como *babysitter*. O terceiro trabalho que teve foi a desenvolver atividades extracurriculares numa escola. Nesta altura, ingressou o curso de educadora de infância que conjugou com o trabalho na escola.

A integração laboral teve influência no acesso à habitação no sentido em que os primeiros trabalhos que teve não lhe permitiam sustentar uma renda por sua conta. Nesse sentido, viveu os primeiros tempos com a prima que também tinha servido de suporte à empregabilidade. Posteriormente foi viver para uma WG.⁽¹⁾ Só após quatro anos conseguiu arrendar uma casa sozinha.

No que diz respeito às redes de sociabilidade, foram apontadas duas fontes: por um lado as amizades da prima que lhe forneceu auxílio, por outro lado, o curso de alemão para estrangeiros.

E acho que cá, o sítio onde, e que atualmente ainda são meus amigos, foi na escola de línguas. Portanto eu tinha aulas todos os dias. De segunda a sexta, não sei quantas horas, horrível, ainda por cima alemão, que é uma grande tarefa só por si só. E foi onde eu conheci a maior parte das pessoas que ainda hoje somos amigos

⁽¹⁾ As *wohngemeinschaft* (Wohn — residencial; *Gemeinschaft* — comunidade) são habitações partilhadas, uma forma bastante comum de conseguir alojamento a custo acessível em Berlim.

Os casos de Anabela e Mara têm em comum um acesso ao mercado de trabalho que não foi imediato. Embora na altura da entrevista estivessem a desempenhar uma profissão qualificada com qual se encontravam satisfeitas, tiveram passarem por períodos de formação e no caso de Anabela de desemprego. Estas trajetórias coincidem com o que Liversage (2009) considerou ser um *path of reeducation*. Possivelmente devido ao estado civil de casada, Anabela passou por alguns períodos de desemprego, enquanto Mara seguiu a trajetória da *path of ascent* (Liversage, 2009), com recurso a *survival jobs* (Akkaymak, 2016), obtidos com recurso a coétnicos (Bauder, 2005) que lhe permitiram aceder a formação profissional alemã, como possivelmente também conhecer melhor as regras tácitas do mercado de trabalho alemão.

No acesso à habitação, a tendência do curso das trajetórias nas situações em que a integração no mercado de trabalho não é imediata implica um primeiro acesso por via informal nos primeiros tempos da estadia na Alemanha. Só em fases posteriores se torna possível aceder ao mercado formal, especialmente recorrendo a familiares e amizades. O acesso de carácter formal é possível em fases posteriores, como se verifica no caso de Anabela, que foi viver para casa de um amigo e de Mara que, nos primeiros tempos da sua estadia, viveu com uma prima que já residia em Berlim. Ambas viviam em casa própria no momento da entrevista.

No que respeita o domínio da língua, as entrevistadas possuem um bom domínio da língua, e, ambas as entrevistadas frequentaram cursos de

alemão, o que também serviu de contexto para a formação de redes de sociabilidade.

Nas três próximas secções, os três fatores que foram identificados como relacionados com o modo de integração no mercado de trabalho serão aprofundados em articulação com os dados quantitativos: o acesso à habitação, o domínio da língua alemã e a composição das redes de sociabilidade.

Integração residencial e as ligações com a integração no mercado de trabalho

O primeiro fator identificado como relacionado com a integração imediata ao mercado de trabalho foi o acesso à habitação. Enquanto os valores apurados para o total da amostra são de 63% terem considerado ter sido difícil conseguir alojamento (valores 3, 4 e 5 da escala de 1 a 5), os valores para quem chegou com emprego e quem procurou emprego diferem, no sentido em que o grupo que chegou com emprego reporta valores inferiores ao geral (62%) e no grupo de quem procurou emprego após ter chegado à Alemanha os valores são de 65%. Não obstante, este não é o fator mais relevante para a diferença das dificuldades com a habitação, sendo superado pelo ano de chegada (quem chegou mais cedo teve menores dificuldades), pelo nível de escolaridade (quem tem menores níveis de escolaridade teve menor dificuldade, provavelmente devido a redes de auxílio já instaladas no país de destino), e as profissões (pessoas com profissões menos qualificadas tiveram menores dificuldades, provavelmente, pelo mesmo motivo que as pessoas menos escolarizadas) (figura 2.4).

Para além das duas modalidades que foram identificadas nos casos de Gilberto, Mário, Anabela e Mara (acesso imediato e formal nos dois primeiros casos, acesso informal com recurso a coétnicos no segundo), existe uma terceira modalidade (imediate e informal) que está associada às trajetórias migratórias por amor ou de reagrupamento familiar. Nestas situações, o alojamento é assegurado pelo cônjuge/namorado/a que já residia na sociedade alemã. É o caso de Guiomar, emigrou para Berlim na sequência de um namorado que se encontrava a viver numa WG, e que conseguiu um lugar extra para a entrevistada. A inserção residencial foi facilitada pela existência desta relação. Nas situações em que o acesso à habitação se dá pela via de conacionais trata-se de situações de carácter transitório, até ser possível o acesso a uma habitação própria, que se encontra condicionada por dois fatores: por um lado, o acesso a um emprego, cuja remuneração permita suportar uma renda ou um crédito; e, por outro lado, o mercado habitacional, em que a procura é bastante superior à oferta.

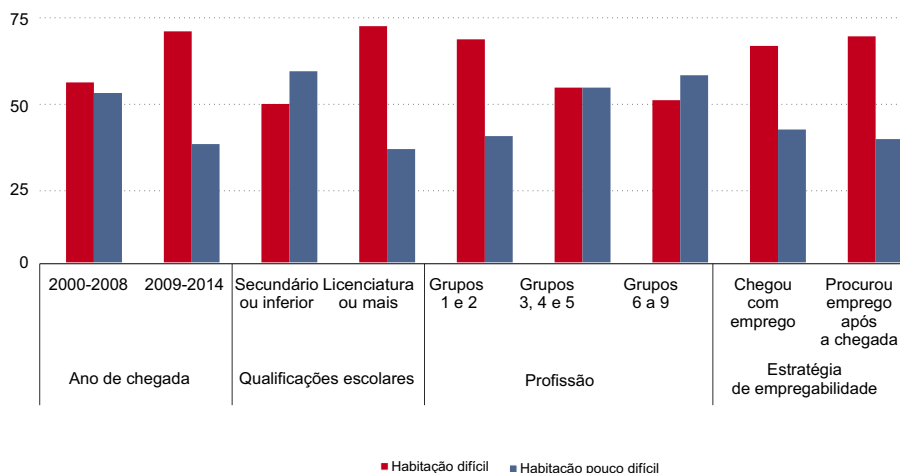


Figura 2.4 Dificuldades no acesso à habitação (%)

Fonte: REMIGR (2015).

Integração linguística e as ligações com a integração no mercado de trabalho

O segundo fator identificado nos casos iniciais foi a dificuldade com a língua alemã (figura 2.5). Neste indicador, as dificuldades sentidas pelo total da amostra são superiores às do item anterior (considerando a mesma linha de corte): 82%. E se as pessoas que tiveram de procurar emprego à chegada reportam menores dificuldades no domínio da língua (79%), quem chegou com emprego reporta valores mais elevados (85%). Estes dados corroboram o que já tinha sido identificado na componente qualitativa: pessoas que chegam com emprego, frequentemente ingressam empresas internacionais cuja língua franca é o inglês, enquanto pessoas que não têm inserção imediata tendem a frequentar cursos de alemão e a desempenhar tarefas em diversos postos de trabalho, o que lhes confere um maior domínio da língua do país de acolhimento. Juntamente com este grupo, as menores dificuldades com a língua também são sentidas no grupo chegado há mais tempo à Alemanha, e profissionais dos grupos 3, 4 e 5, que correspondem a profissões que implicam maior contacto com o público (especialmente o grupo 4 e 5), logo, serão pessoas que terão sido “forçadas” a aprender o alemão.

No campo dos preditores, a literatura demonstrou que o domínio da língua estrangeira encontra-se relacionado com níveis de escolaridade mais elevados, uma chegada ao país de acolhimento em idades mais jovens, a uma duração prolongada no país de destino, a casamentos consumados após a

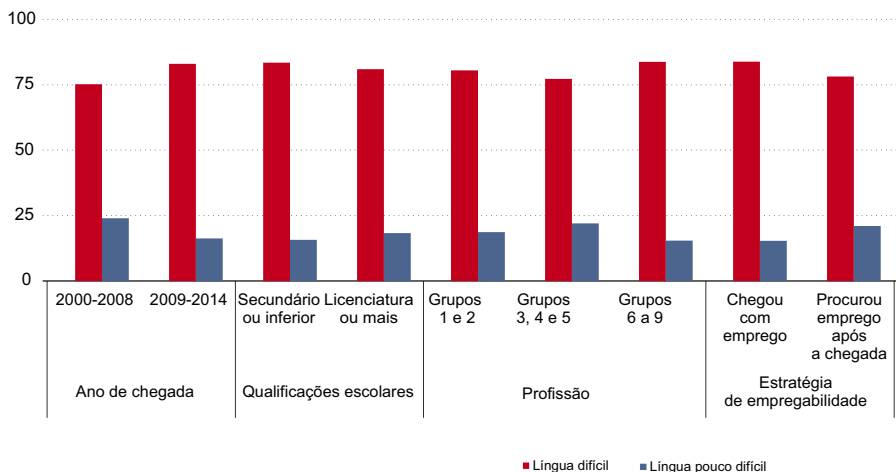


Figura 2.5 Dificuldades com a língua (%)

Fonte: REMIGR (2015).

migração e à residência fora de zonas de elevada concentração de imigrantes que partilham a mesma língua de origem (Chiswick & Miller, 1998). Também importantes são os contactos pessoais e o contacto com a cultura do país de destino (Frykman & Mozetic, 2020). No entanto, este domínio da língua não é exigência universal. Liversage (2009) alerta que a exigência de dominar a língua do país de acolhimento varia de acordo com as profissões em causa, sendo, para o caso de trabalhadores das Tecnologias de Informação (IT) suficiente o inglês. No campo das consequências, Udah e colegas (2019) identificaram o domínio da língua do país de destino como importante para ter um emprego *meaningful* e o estudo sobre o valor económico das capacidades linguísticas de Grin (2003) apontava para rendimentos mais elevado nos imigrantes que são fluentes.

Na amostra auscultada, um dos fatores que implica na autoavaliação do domínio do alemão é o tempo, especialmente aferido pela duração da estadia, isto é, portugueses chegados há relativamente pouco tempo sentem maior dificuldade, porque não tiveram tempo necessário para aprender a língua, *vis-à-vis*, emigrantes chegados há mais anos, com maior tempo de exposição à língua alemã, o que pode facilitar na familiaridade com a língua. Mas o tempo cronológico não é suficiente para explicar esta relação, o que leva a chamar à discussão o segundo fator: a aprendizagem formal da língua alemã através dos cursos de alemão. No caso de Bento formação de 90 minutos por semana era considerada um contributo para ganhar domínio da língua, embora insuficiente. No entanto, as exigências

na esfera laboral não lhe deixam maior disponibilidade para a aprendizagem da língua alemã.

A empresa pagou um curso e, mas era um curso, era uma professora particular, que é uma coisa que fica cara mas que ia à empresa e eu acabava por ter uma hora por semana com ela, porque eu não tinha mais tempo então era tipo, às quartas-feiras, ao final da tarde, uma hora, vale o que vale, portanto eu acabei por aprender alemão mais à força. (Bento, Buisness development, em Hamburgo desde 2010)

Em contraponto, o caso de Anabela (ver quadro 2.4) demonstra a dedicação que pode ser dada à aprendizagem e as consequências positivas e investimento.

A frequência de cursos de alemão não é uma condição necessária para dominar o alemão, e é uma estratégia apenas ativada pelos entrevistados mais qualificados. Mas deve ser entendida como um impulso para o domínio da língua. Existem também dois tipos de cursos de Alemão. Os primeiros fazem parte dos cursos de integração, cujos programas, para além da língua, compreendem também alguma da história do país, da cultura e do sistema legal. Em algumas situações são gratuitos, mas mesmo quando são pagos os valores são reduzidos⁷. Na amostra entrevistada estes cursos eram bastante frequentes em emigrantes com algum capital económico e cultural e uma integração no mercado de trabalho precária. O segundo tipo de cursos corresponde aos que são oferecidos pelas empresas empregadoras, especialmente empresas internacionais com equipas também internacionais em que a língua de trabalho alterna entre o alemão e o inglês. Nestes casos, a formação parece pouco eficaz, seja devido ao reduzido número de horas de contacto, bem como devido à gestão do fluxo de trabalho, que “empurra” para segundo plano a aprendizagem do alemão.

Mas o alemão foi uma luta no início, até porque é um choque que qualquer pessoa quando começa uma função, tem o dilema, uma função nova num país estrangeiro, entre dedicar tempo a aprender a língua ou a aprender a função a integrar-se no grupo de trabalho, a aprender o negócio, a aprender uma série de coisas, e foi uma altura em que trabalhei muitíssimo, muitas horas e depois tentava conciliar, a dedicar algumas horas, mas era difícil. (Bento, Buisness development, em Hamburgo desde 2010)

Exato, mas ali, depois eu ia para as aulas, há sempre qualquer coisa no trabalho que nos deixa de cabeça ocupada. Eu ia para as aulas a pensar no trabalho,

7 O preço por aula era de 1,95 euros segundo o site Germany Visa (<https://www.germany-visa.org/integration-courses-learning-german-and-much-more/>) (consultado a 24-04-2019)

cheguei a uma altura, não há muito tempo desisti, já não ia às aulas para aí há um ano, disse não vale a pena estarem a pagar aulas que eu não vou. (Mário, 32 anos, Front end developer, em Berlim desde 2013)

A segunda relação que importa focar remete para a língua de trabalho. Nas situações em que a língua de trabalho é o alemão, existe uma maior exposição e pressão para aprender o alemão, o que tem como consequência dominar a língua nos restantes contextos, seja informal, ou mais formal e burocrático. Deste modo, o que pode inicialmente parecer uma condição favorável, o trabalho em inglês, geralmente mais fácil do que uma situação em que seria obrigado a falar em alemão, tem como consequência negativa o desincentivo da aprendizagem da língua do país de origem. Situação em comum com as ilustrações que se seguem.

(Desenrascas-te no alemão?) Não, horrível! Muito mal (...) tenho mais alguns incentivos para falar alemão e a empresa também vai ajudando, vai pagando aulas, temos um programa agora, pronto para começar com aulas de alemão, mas em geral a língua do trabalho é inglês, as equipas são muito internacionais, estamos sempre a contratar gente de todo o lado. (Renato, Engenheiro de software, em Berlim desde 2012)

Na ligação com as estratégias de empregabilidade, é de frisar que as pessoas que acederam imediatamente a um emprego, em empresas internacionais com a língua inglesa como língua de trabalho, são pessoas que acabam por não ter grande domínio do alemão, embora este seja oferecido muitas vezes pelos empregadores. O que contrasta com a trajetória de quem procurou emprego após a chegada, com períodos de desemprego, uma diversidade de trabalhos, alguns com mais ou menos contacto com a população autóctone, bem como mais tempo para cursos de alemão, o que lhes dá uma mais-valia no domínio do alemão.

Redes de sociabilidade e as ligações com a integração no mercado de trabalho

O terceiro fator identificado foram as redes de sociabilidade. A análise da figura 2.6 demonstra que quem chegou com emprego à Alemanha possui redes de sociabilidade mais limitadas, uma vez que quem procurou emprego após chegar à Alemanha apresenta valores mais elevados em qualquer das categorias disponíveis (portugueses chegados há poucos anos, imigrantes de outras origens e conacionais). Outros fatores relevantes são: a duração da estadia, no sentido em que estadias mais prolongadas estão associadas a redes mais diversificadas, onde se destaca a população autóctone; a escolaridade, em que pessoas com menores níveis de escolaridade possuem redes mais focadas em

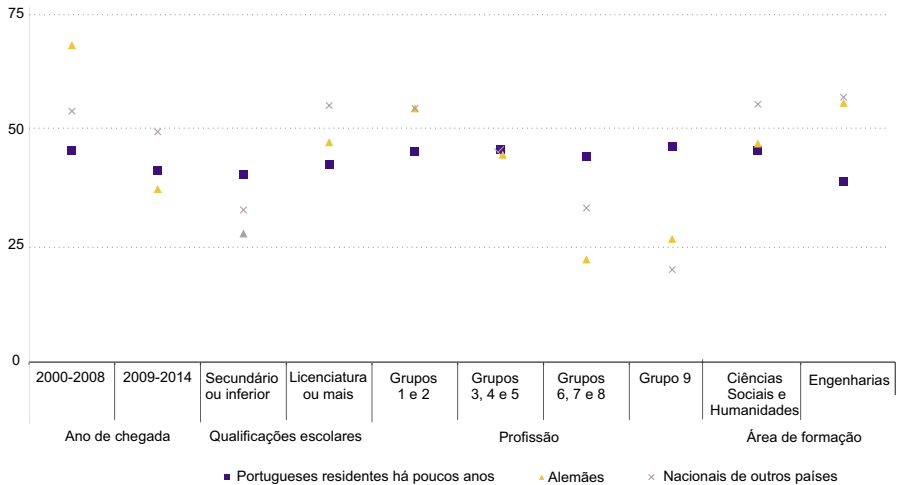


Figura 2.6 Principais redes de sociabilidade (%)

Fonte: REMIGR (2015).

conacionais; e as profissões, no sentido em que profissionais qualificados possuem redes mais focadas na população alemã e imigrantes não portugueses; e quem desempenha profissões menos qualificadas foca as suas relações em conacionais e menos na população alemã.

A conjugação dos dados qualitativos e quantitativos permite perceber que a integração imediata no mercado de trabalho frequentemente confere acesso a redes de sociabilidade criadas em contexto laboral. Contudo, pode limitar as sociabilidades a essas redes, se estes casos forem comparados com as experiências de quem passou por diversos contextos de trabalho, cursos de alemão para a população estrangeira e habitações partilhadas, que funcionam como contexto favoráveis para a criação de redes de sociabilidade. Não obstante, tal como foi referido para os dois indicadores quantitativos anteriormente apresentados (habitação e domínio da língua), existem outros fatores com maior capacidade de diferenciação nas redes de sociabilidade.

Quando questionados sobre os contextos em que foram construídas as primeiras relações de amizade na Alemanha, as já referidas WG's de Berlim são também um contexto frequente para construir as primeiras redes de amizade. A ilustração de Lara mostra um caso de uma rede de amizade desenvolvida através de uma WG.

Quando cheguei pela primeira vez, eu vim viver para uma casa partilhada, uma WG de seis pessoas, não é costume, normalmente são menos e era um grupo

bastante participatório. Uma inclusão fixe era uma casa muito ativa, organiza noites de cinema e tinham amigos de amigos e cozinhávamos. (Lara, 31 anos, Técnica em Empresa de Mapas, em Berlim desde 2010)

Outro tipo de contexto divide-se entre, por um lado, o local de trabalho, e, por outro lado, os cursos de integração (cursos de língua e cultura alemã para estrangeiros). Estes dois contextos tendem a ser mutuamente exclusivos, isto é, os entrevistados ou conseguem emprego à chegada e as suas relações de amizade são formadas em contexto laboral, ou ingressam em cursos de integração para estrangeiros (que podem ser coincidentes com *mini-jobs*) e conhecem outras pessoas em situações semelhantes, como já foi referido no caso de Mário para o primeiro tipo (ver quadro 2. 3) e Anabela para o segundo (ver quadro 2.4).

Através das entrevistas é possível perceber que as composições das redes de sociabilidade em termos de origem nacionais podem assumir três possibilidades, compatíveis entre elas. A primeira a enunciar-se são as redes de sociabilidades compostas por outros portugueses. Esta situação é a mais residual, e, quando existente, decorre da facilidade com a língua, afinidade de interesses ou do associativismo emigrante.

A segunda possibilidade remete para a situação de redes de amizade forjadas com alemães. São geralmente consequência de uma migração que ocorre por amor, em que o cônjuge é alemão e tem o seu grupo de amigos que é adotado pelo recém-chegado. Estas situações são praticamente inevitáveis nas estratégias migratórias baseadas em reagrupamentos familiares ou migrações por amor, como é o caso de Luísa, ou César:

Ainda não fiz assim grandes amizades aqui, tenho alguns conhecidos, algumas pessoas que eram amigos da minha namorada e ainda estão, ela já os conhecia de Hamburgo. (César, 29 anos, Consultor ambiental, em Hamburgo desde 2017)

Pus-me logo a aprender alemão, passado um ano já falava fluentemente alemão, tinha os amigos do meu namorado na altura, que mesmo assim, não era a minha, era mais velho que eu, era mais velho que eu mas não estava propriamente sozinha. (Luísa, 38 anos, Organizadora de eventos, em Berlim desde 2002)

A terceira possibilidade consiste nas redes de sociabilidade constituídas por imigrantes de outras origens. No caso de Mário apresentado no quadro 2.3, a justificação para a inserção numa rede de amizade constituída por outros imigrantes deve-se, em grande parte, ao seu contexto de trabalho, bastante internacional. Sobre as redes de amizade formadas em contexto de trabalho altamente qualificados, é de referir que é conhecido o facto dos locais de trabalhos serem locais importantes para conhecer novas pessoas e desenvolver laços sociais (Magnusson & Törngren, 2014).

Conclusão

Com este capítulo pretendeu-se analisar trajetórias de integração no mercado de trabalho da emigração portuguesa na Alemanha. O foco incidiu nas consequências de duas trajetórias laborais distintas, com o argumento que estas trajetórias implicavam *timings* diferentes na integração.

A escolha de classificar as trajetórias de integração no mercado de trabalho com base na chegada com emprego assegurado ou com a procura de trabalho após a chegada à Alemanha é apenas uma das perspetivas possíveis. A observação de um objeto permite sempre que quem o observa assuma diferentes posições em relação ao mesmo.

A mesma análise poderia ter sido feita tendo como perspetiva a área de formação académica, uma vez, que, como referido, as inserções imediatas no mercado de trabalho são mais frequentes em graduados das ciências da tecnologia e engenharias, do que em graduados das ciências sociais e humanas (o segundo e terceiro maiores grupos na amostra recolhida através do inquérito por questionário). Contudo, o primeiro grupo tem alguma heterogeneidade interna, com engenharias como a civil e ambiental, em a inserção no mercado de trabalho tende a não ser imediata.

Uma outra perspetiva que poderia ter sido adotada, seria a de género. Não é acaso que as inserções imediatas no mercado de trabalho alemão tendam a ser protagonizadas por homens, e que a situação de procura de trabalho após a chegada tenha sido vivenciada frequentemente por mulheres. O que é coerente com a lógica de migrações em família, em que a situação padrão é a do homem conseguir o emprego antes da emigração e a mulher acompanhar, enveredando numa aventura de inserção laboral, com empregos precários e/ou interregnos destinados à formação. No entanto, a situação mais instável vivida pelas mulheres não é exclusiva das migrações em família.

Não obstante, estas três perspetivas, sobrepõem-se em grande parte. E, de vários ensaios estatísticos que foram testados, a variável chegar com emprego assegurado à Alemanha é aquela que melhor “agrega” os dados, no sentido em que as análises bivariadas se tornarem mais coerentes.

Um segundo ponto a desenvolver nesta conclusão remete para esta dualidade de trajetórias de integração ser possível devido à Alemanha poder ser considerada um contexto de integração dual. Considera-se dual no sentido em que se trata de um contexto de receção de emigração pouco qualificada, com um contingente considerável de emigrantes com uma estadia prolongada, que facilitam o acesso de conacionais (tanto muito, como pouco qualificados em termos escolares/académicos) a um mercado de trabalho menos qualificado. A inserção no mercado de trabalho menos qualificado pode estagnar ou ter uma ascensão lenta no caso de emigrantes com baixas qualificações escolares, ou ser uma etapa mais transitória para emigrantes com

qualificações elevadas. Esta realidade coexiste com um mercado de trabalho internacional, que recruta profissionais técnicos diretamente na origem ou onde a procura de mão de obra é superior à oferta, o que faz com que a absorção no mercado de trabalho seja imediata. Seguindo o argumento, será menos provável a procura de trabalho após a chegada em territórios como Angola ou Moçambique, em que o recrutamento tende a ser feito *a priori* (por não existir uma rede sedimentada). A Alemanha também poderá contrastar com contextos como a Suíça, Luxemburgo ou França, que embora possua uma rede de conacionais bem estabelecida, não recruta com tanta intensidade profissionais qualificados. Deste modo, esta conjugação de apoio inicial por parte de familiares/amizades e a possibilidade de procura de trabalho *in loco* devem avolumar o contingente de emigrações à aventura.

Futuros estudos poderão procurar a existência desta mesma dualidade de integração no mercado de trabalho em países de destino que partilham a procura por mão de obra portuguesa muito e pouco qualificada, como o Reino Unido.

Referências

- Akkaymak, Guliz (2017), "A Bourdieuan analysis of job search experiences of immigrants in Canada", *International Migration and Integration*, 18, pp. 657-674.
- Bauder, Harald (2005), "Habitus, rules of the labour market and employment strategies of immigrants in Vancouver, Canada", *Social & Cultural Geography*, 6 (1), pp. 81-97.
- Bhagwati, Jagdish N., Klaus-Werner Schatz e Kar-yiu Wong (1984), "The West German *gastarbeiter* system of immigration", *European Economic Review*, 26 (3), pp. 277-294.
- Borjas, George J. (1982), "The earnings of male Hispanic immigrants in the United States", *Industrial and Labor Relations Review*, 35 (3), pp. 343-353.
- Candeias, Pedro (2017), "Alemanha", *OEm Country Reports*, 4, Lisboa, Observatório da Emigração, CIES-IUL, Iscte-Iul.
- Candeias, Pedro (2021), "*Portugueses pelo Mundo*". *Integração e práticas transnacionais de portugueses na Alemanha*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa.
- Candeias, Pedro, Bárbara Ferreira e João Peixoto (2014), "Emigração portuguesa: o que temos vindo a estudar e o que nos falta saber — uma análise bibliométrica entre 1980 e 2013", *População e Sociedade*, 22, pp. 11-31.
- Castles, Stephen (1995), "How nation-states respond to immigration and ethnic diversity", *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 21 (3), pp. 293-308.
- Cavalheiro, Luís (2000), *O sector da construção civil português: o emprego e as migrações para o mercado de trabalho alemão*, Coimbra, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

- Chiswick, Barry R. (1978), "The effect of Americanization on the earnings of foreign-born men", *Journal of Political Economy*, 86 (5), pp. 897-921.
- Chiswick, Barry R., e Paul W. Miller (1998), "Language skill definition: a study of legalized aliens", *International Migration Review*, 32 (4), pp. 877-900.
- Creswell, John W. (2014), *Research Design. Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches*, 4.^a ed., Thousand Oaks, Sage.
- Dahlstedt, Ingemar (2010), "Measuring integration", em Björn Fryklund (org.), *IMER – möjligheter och gränser. Festschrift till Björn Fryklund*, Malmö, Malmö Institute for Studies of Migration, Diversity and Welfare, pp. 179-198.
- Faris, Asma (2016), *Challenges Faced by Immigrants with Higher Education in the Swedish Labour Market. A Qualitative Research of the Factors Influencing the Underutilization of Immigrants' Foreign Educational Credentials in the Swedish Labour Market*, Stockholm, Stockholm University.
- Frykman, Maja Povrzanovic, e Katarina Mozetic (2020), "The importance of friends: social life challenges for foreign physicians in Southern Sweden", *Community, Work & Family*, 23 (4), pp. 385-400.
- Gericke, Dina, Anne Burmeister, Jil Löwe, Jürgen Deller e Leena Pundt (2018), "How do refugees use their social capital for successful labor market integration? An exploratory analysis in Germany", *Journal of Vocational Behavior*, 105, pp. 46-61.
- Gordinho, Bruno (2008), *Saberes, acreditação e acto profissional nos engenheiros electrotécnicos e informáticos: fechamento profissional ou abertura do mercado*, Lisboa, Iscte.
- Grin, François (2003), "Language planning and economics", *Current Issues in Language Planning*, 4 (1), pp. 1-66.
- ILO (2021), *ILO Global Estimates on International Migrant Workers. Results and Methodology. Third Edition*, Geneva, International Labour Organization.
- Liversage, Anika (2009), "Finding a path: investigating the labour market trajectories of high-skilled immigrants in Denmark", *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 35 (2), pp. 203-226.
- Luft, Stefan (2012), "Germany. Integration as a sensitive topic with many facets", em Vít Novotný (org.), *Opening the Door? Immigration and Integration in the European Union*, Bruxelas, Centre for European Studies, pp. 367-369.
- Magnusson, Karin, e Sayaka Osanami Törngren (2014), "Migration and integration of high-skilled migrants in Sweden", em Henrik Emilsson, Karin Magnusson, Sayaka Osanami Törngren e Pieter Bevelander (orgs.), *The World's Most Open Country. Labour Migration to Sweden after the 2008 Law*, Malmö, Malmö Institute for Studies of Migration, Diversity and Welfare, Malmö University.
- McPherson, Miller, Lynn Smith-Lovin e James M. Cook (2001), "Birds of a feather: homophily in social networks", *Annual Review of Sociology*, 27, pp. 415-444.
- Mohorko, Anja, Edith de Leeuw e Joop Hox (2013), "Internet coverage and coverage bias in Europe: developments across countries and over time", *Journal of Official Statistics*, 29 (4), pp. 609-622.

- Musterd, Sako (2003), "Segregation and integration: a contested relationship", *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 29 (4), pp. 623-641.
- Peixoto, João, Isabel Tiago de Oliveira, Joana Azevedo, José Carlos Marques, Pedro Góis, Jorge Malheiros e Pedro M. Madeira (orgs.) (2016), *Regresso ao futuro. A nova emigração e a sociedade portuguesa*, Lisboa, Gradiva.
- Peixoto, João, Isabel Tiago de Oliveira, Joana Azevedo, José Carlos Marques, Pedro Góis, Jorge Malheiros, et al. (2021), "Nova emigração portuguesa: perfis, integração e expetativas", em Cláudia Pereira, Jorge Malheiros e João Peixoto (orgs.), *Três estudos sobre a nova emigração portuguesa*, Lisboa, Observatório da Emigração, CIES-Iscte, pp. 7-36.
- Piore, Michael J. (1979), *Birds of Passage. Migrant Labor and Industrial Societies*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Putnam, Robert D. (2000), *Bowling Alone. The Collapse and Revival of American Community*, New York, Simon & Schuster.
- Raijman, Rebeca, e Moshe Semyonov (1998), "Best of times, worst of times, and occupational mobility: the case of Soviet immigrants in Israel", *International Migration*, 36 (3), pp. 291-312.
- Sassen, Saskia (1991), *The Global City. New York, London, Tokyo*, Princeton, Princeton University Press.
- Stier, Haya, e Marta Tienda (1992), "Family, work and women: the labor supply of Hispanic immigrant wives", *International Migration Review*, 26 (4), pp. 1291-1313.
- Udah, Hyacinth, Parlo Singh, Kiroy Hiruy e Lillian Mwanri (2019), "African immigrants to Australia: barriers and challenges to labor market success", *Journal of Asian and African Studies*, 54 (8), pp. 1-16.
- Vidigal, Inês, e Carlota Moura Veiga (2022), *Portuguese Emigration Factbook 2021*, Lisboa, Observatório da Emigração, CIES-IUL, Iscte-IUL.